

Setembro 2013

#04

Boletim eletrônico das Bibliotecas da EBP

Maria Josefina Fuentes (Diretora Secretária da EBP)

Tânia Abreu (Coordenadora da Comissão de Bibliotecas da EBP)



TERCEIRA PARTE

O UM: QUE ELE NÃO ACESSE AO DOIS.

CAPITULO IX – NO CAMPO DO UNIANO

Nesta terceira parte do Seminário 19, “O Um: que ele não acesse ao dois”, nos encontramos no campo do uniano, o que poderíamos opor ao campo do Outro. Por que ele não acederia ao dois, ao Outro? Não se acede ao Outro devido à não conjunção entre dois seres de sexos opostos. Embora a exigência subjetiva do ato sexual seja a unidade sexual, a união ocorre através da função do objeto a, na qual se encontra a irredutibilidade da unidade e que se passa no campo do Outro. Jacques-Alain Miller se questiona “Porque o chamamos de campo do Outro? Poderíamos chamar de campo do Um. Chamamos de campo do Outro, porque é ai que se experimenta e se verifica o irredutível do objeto a ao Um. De onde todo o esforço para evacuar o que é da confrontação do objeto a ao Um se conclui pelo afeto de tédio [ennui] – que Lacan recompõe as letras [e.n.n.u.i.] quando fala do uniano [unien]... Chamamos este campo de campo do Outro enquanto que esse campo escapa precisamente à unidade. Ele não tem toda sua lei no Um”. Vejamos, em seguida, a emergência do um.

Autores citados:

Jacques-Alain Miller. 1, 2, 3, 4. Curso do 29 de maio de 1985, inédito.

TEMA 1- EMERGÊNCIA DO UM E SUAS DECLINAÇÕES

Neste capítulo, Lacan declina diversas formas do Um: o Um do corpo; o Um do Parmênides; o Um elemento de um conjunto (cf. Cantor); o Um do número (cf. Frege); o Um unário extraído da segunda forma de identificação freudiana (e que foi trabalhada por Lacan no Seminário IX).

A enunciação “Há-Um” vem em resposta à dificuldade relativa à questão do estatuto da série dos números naturais, e que foi trabalhada, e.g., por Frege.

A. O Um do corpo: evidência imaginária

Inicialmente, podemos pensar o corpo, seu estatuto de unidade, como o que dá o modelo imaginário do corpo. Ou seja, a vertente imaginária da identificação como Um do corpo, o que sustentaria o sujeito no que Freud promove a partir de “Introdução ao narcisismo” e da teoria da identificação, sobretudo imaginária, juntamente com suas considerações da “Psicologia das Massas”. Lacan inventaria seu Estádio do Espelho a partir, sobretudo, dessas referências freudianas, acrescidas da experiência do espelho de Henri Wallon sobre o poder sintetizador da imagem a partir da teorização que Kojève faz de Hegel e a dialética do mestre e do escravo. A tese de que o Um viria do significante opor-se-á à ideia de que o Um viria do corpo – cf., neste sentido, J.-A. Miller “Biologia lacaniana e acontecimento de corpo”. O Um surgiria no mundo pelo significante (Um como substância significante). Ao mesmo tempo, podemos pensar, de maneira aproximativa, a partir da noção de substância significante com a noção de substância gozante – que é do registro do que toca o corpo no que ele se goza, corpo então no seu estatuto de existência e não mais do corpo imaginário do Estádio do Espelho.

Autores citados:

Alexandre Kojève (1902-1968), foi um filósofo francês de origem russa que renovou o estudo de Hegel na França graças aos seus cursos ministrados de 1933 a 1939 na École Pratique des Hautes Etudes (EPHE).

Henri Wallon (1879-1962) foi um filósofo, psicólogo, neuropediatra e pedagogo francês. Nomeadamente conhecido como psicólogo, Lacan faz-lhe referência no seu texto sobre o estádio do espelho.

REFERÊNCIAS

Alexandre Kojève. Introduction à la lecture de Hegel. Leçons sur la Phénoménologie de l’esprit professées de 1933 à 1939 à l’École des Hautes Études, réunies et publiées par Raymond Queneau. Paris, Gallimard, 1947.

Henri Wallon, « Les origines du caractère chez l’enfant. Les préludes du sentiment de personnalité », Paris, PUF, coll. Quadrige Le psychologue, éd. de 1983.

Jacques Lacan, « Le Stade du miroir comme formateur de la fonction du Je: telle qu’elle nous est révélée dans l’expérience psychanalytique », Revue française de psychanalyse, octobre 1949, p. 449-455.

Jacques-Alain Miller. “Biologia lacaniana e acontecimentos de corpo”, in Opção lacaniana, n. 42.

B. Parmênides e o Um

Diálogo escrito nos últimos anos de sua vida, o Parmênides, ou Sobre as Formas, de Platão, é considerado uma das principais obras da filosofia ocidental. Neste texto, vemos o movimento que desembocou na revolução platônica: recusa de todo o sistema filosófico que Platão havia construído até então. Ele trabalha, entre outros temas, a questão da ontologia platônica, a questão do Ser e a questão do Um.

Martin Heidegger também se lança numa “meditação seguida sobre a história do Ser”. Cf., a este respeito, seu texto intitulado “Moira” (1951-52) presente no seu escrito Essais et conférences, que contém, no mínimo, duas referências capitais no ensino de Lacan, juntamente com o texto sobre Das Ding, A Coisa. Além disso, esse texto de Heidegger é uma das múltiplas referências implícitas no escrito de Lacan sobre o passe.

Vejam: Heidegger parte da fórmula de Parmênides “a mesma coisa são pensamento e ser”, que orientou, segundo sua interpretação, toda a história da filosofia. A versão moderna da mesmidade do ser e do pensamento se encontra na fórmula cartesiana do “Penso, logo existo”,

mas que, nos adverte Jacques-Alain Miller, no Parmênides não há referência ao eu [Je]. A esfera do eu [Je] será a nova circunscrição instaurada por Descartes como o lugar onde se conjugam pensamento e ser. A fórmula lacaniana do passe, segundo Miller, é uma reformulação da tese do Parmênides sobre o ser e o pensamento aplicada à psicanálise e o passe de uma maneira binária: quer seja entre a lógica da alienação e da separação, ou mesmo quanto às posições do “não penso” e do “não sou” – numa articulação entre “o sujeito e o Outro, o significante e o objeto, como articular o sintoma e o fantasma”.

Esse matema seria sintetizado por Lacan na tensão do seu cogito lacaniano do “eu não penso” (Eu sou), que estaria do lado do isso; e o “eu não sou” (eu penso), do lado do inconsciente.

Tensão entre o lado do Isso, do “não penso”, como sendo da ordem do “Tu és isso” (cf. Estádio do Espelho) no passe, como emergência do sujeito no seu estatuto de objeto a, e, por outro lado, temos o “não sou”, do registro do inconsciente, com o que não cessa de não se inscrever, que é o “não há relação sexual” e o seu efeito de castração.

Dito de outra maneira, o que Lacan chama a atenção no texto de Platão é a delimitação do que faz furo no dizer, no fato de que toda substância possa ser dizível, mas que, justamente, desde que se tenta dizê-la, “o que se desenha [do real] da estrutura faz dificuldade”.

Autores citados:

Jacques-Alain Miller. *Du symptôme au fantasme, et retour*, curso de 16 de março de 1983, inédito.

Martin Heidegger. *Essais et conférences*, Paris, Gallimard, 1958, trad. André Préau.

C. O traço unário

É no Seminário 9, A identificação (1962-63) que Lacan aborda a questão do traço unário como equivalente do *einzigiger Zug* freudiano, ou seja, a segunda forma da identificação.

A função do traço unário surge no ensino de Lacan na medida em que ele distingue a identificação imaginária da identificação simbólica. Neste sentido, o Seminário sobre A identificação tergiversa sobre a teoria analítica do ideal simbólico, a partir da marca que o sujeito recebe da linguagem, da escrita do traço primordial do Ideal do Eu, logo, ação do significante representada na barra do sujeito: identificação ao traço unário. No que tange à escritura, Lacan faz alusão, em diversos momentos, a James Février e ao seu livro sobre a história da escritura. Recentemente, em janeiro de 2011, Clarisse Herrenschildt foi convidada para falar do seu livro sobre a escritura e participar de um debate com Eric Laurent.

Sobre a questão da identificação diante da hipótese de que o Outro não existe, cf. Éric Laurent e Jacques-Alain Miller durante o Seminário conjunto que ambos realizaram, intitulado *L'Autre qui n'existe pas et ses Comités d'éthique*. Curso de 27 de novembro de 1996, inédito.

Autores citados:

Clarisse Herrenschildt é uma pesquisadora no Centre National de la Recherche Scientifique desde 1979. Ela é antiquista, filóloga e linguista de formação, além de arqueóloga. É também associada do Laboratoire d'Anthropologie Sociale do renomado Collège de France. É especialista em línguas, escrituras, história e religião do Irã antes do Islã.

Referências:

James Février. *Histoire de l'écriture*. Payot, 1984, 616 p.

Herrenschildt, C. *Les trois écritures : langue, nombre, code*. Gallimard, 2007, 505 p.

Jacques Lacan. O Seminário 9, A identificação (1961-62). Aula de 6 de dezembro de 1961, inédito.

D. Um e a série de números inteiros

Ao equivaler o Um à série dos números inteiros, Lacan se refere à elaboração teórica de G. Frege e à sua tentativa de definir o conceito de número cardinal, numa intersecção entre a lógica, as matemáticas e a filosofia. O objetivo de Frege era o de demonstrar que a aritmética repousaria na lógica e que seria nada mais do que uma extensão desta última. Cf. a insuficiência da dedução lógica do 1 e da necessidade de passar pelo 0.

Aleph zero é a notação do cardinal do conjunto dos inteiros naturais e, por equipotência, é o cardinal de qualquer conjunto infinito contável. Aleph zero é, então, a cardinalidade do conjunto de todos os números naturais, e é o primeiro cardinal infinito, ou seja, é o primeiro na série indexada pelos ordinais dos Aleph, uma série de ordinais definida por Georg Cantor para representar todos os cardinais infinitos.

Autores citados:

Georg Ferdinand Ludwig Philipp Cantor (1845-1918) foi um matemático alemão conhecido por ser o criador da teoria dos conjuntos. Ele estabeleceu a importância da bijeção entre os conjuntos, definindo os conjuntos infinitos e os conjuntos bem-ordenados. Ele provou, igualmente, que os números reais são mais numerosos que os números inteiros naturais. Com efeito, o teorema de Cantor implica a existência de uma “infinitude de infinitos”. Ele define os números cardinais, os números ordinais e sua respectiva aritmética. O trabalho de Cantor tem um grande interesse filosófico e resultou em diversas interpretações e debates.

E. Os diversos sentidos do Um e a função da existência:

Lacan afirma que o Um se prestaria a diversos sentidos: como elemento vazio, a questão do equívoco do seu surgimento e a bifididade do Um no Parmênides de Platão: o Um se diferencia do Ser; e o Ser é sempre Um. Esse caráter duplo do conceito do Um é o que permite a extração da função da existência.

A existência do Um se enuncia logo após a sua inexistência correlativa; ou seja, a existência surge sob fundo de inexistência. E ex-sistere se sustenta apenas de algo fora que não é. E é precisamente isto que demarca o campo do Uniano: o que só existe ao não ser: {I (o Um sozinho) seguido do \emptyset (o I apagado que tem por significação ora de conjunto vazio, ora de significação do zero: 0) e que, em seguida, se obtém a recorrência de um +1 a série dos números naturais: 1 2 3 ...}.

Isso quer dizer que, nessa lógica, pressupõe-se sempre “o mesmo Um, o Um que não se deduz, ao contrário da poeira nos olhos que pode nos jogar John Stuart Mill, simplesmente pegando coisas distintas por tomá-las como idênticas” (Lacan, p. 129).

Autores citados:

John Stuart Mill (1806-1873) foi um filósofo, lógico e economista britânico. Foi conhecido como um dos pensadores liberais mais influentes do século XIX. Partidário do utilitarismo – teoria ética desenvolvida pelo seu padrinho Jeremy Bentham –, que Mill propôs sua própria interpretação. Feminista precursor, Mill desenvolve um sistema de lógica em que se opera a transição entre o empirismo do século XVIII e a lógica contemporânea.

Referências:

Cf. Jacques-Alain Miller, na sua aula de 16 de março de 2011, do seu Curso L’Un-tout-seul, demonstra, magistralmente, a construção no ensino de Lacan no que tange ao desnivelamento do ser e da existência.

John Stuart Mill. *Système de logique déductive et inductive* (1843). Traduction française révisée par Louis Peisse à partir de la 6^e édition britannique de 1865. Paris : Librairie philosophique de Ladrangue, 1866.

Este livro apresenta a expressão de uma nova filosofia que se tornara uma corrente de pensamento indispensável, que liga David Hume a Bertrand Russell. Este sistema de lógica propõe, dentre outros, uma nova teoria dos sofismas, dos nomes próprios, da referência e, sobretudo, da indução.

Gottlob Frege. *Les fondements de l'arithmétique : recherche logico-mathématique sur le concept de nombre*, Collection L'ordre philosophique, Seuil, 1969. 233 p.

CAPITULO X – HÁ-UM

TEMA 1 - EXISTÊNCIA, UM E A CIÊNCIA.

Neste capítulo, Lacan discorre sobre o conceito de existência a partir do enunciado: “Há-Um”.

Uma mudança de paradigma opera quando Lacan trabalha com Cantor e Frege a partir do conceito de Um – diferente do Um de Galileu, que era o do o número um de uma existência natural, derivado do Um individual do corpo, enquanto que o Um da lógica, o Um que interessa Lacan, é o Um do real. E esse Um do real, “Há-Um”, é da ordem da escrita, em oposição à fala:

{Escrita (Existência) \diamond Fala (Ser)}.

Autores citados:

Galileo Galilei (1564-1642) é considerado pai da ciência moderna. Ele foi um matemático, geômetra, físico e astrônomo italiano. Através de observações rápidas e precoces, ele abalou os fundamentos da disciplina astronômica. Homem das ciências, ele foi um defensor da abordagem copernicana do Universo e do movimento terrestre, vindo a propor a adoção do heliocentrismo, dentre outras. No domínio das matemáticas, Galileu apostava que a linguagem da natureza se daria através da escrita matemática, quer dizer, que a natureza se transforma em um real que contém um saber.

Esse postulado científico é traduzido por Lacan em dois enunciados: a) “Há saber no real” (Lacan, J. “Nota italiana”, in *Outros escritos*, Rio de Janeiro, Zahar, 2003, p. 312.), e b) dito de outra maneira, o saber científico é um saber no real. Ou seja, vemos aí a ideia de um real da ciência que é absolutamente sobreposto ao simbólico, enquanto que o real, para a psicanálise, é da ordem da fórmula “não há relação sexual” – quer dizer, o real da psicanálise é um real que não cessa de não se inscrever, e que se encontra em oposição ao real da ciência cuja certeza pode se escrever.

Referências:

Jacques-Alain Miller. Lire un symptôme. *Revue Mental. Revue internationale de psychanalyse*, 06/2011, n°26, pp. 49-58.

Cf. Jacques-Alain Miller. « L'Un-tout-seul », curso de 23 de março de 2011, inédito.

Nesta aula, Miller diferencia os campos da existência e do “para-ser” ou “aparência”. A existência estaria correlacionada à medida da escrita, enquanto que o “para-ser” estaria em conjunção com a fala.

Jacques-Alain Miller. Apresentação do tema do IX Congresso da AMP. Conferência apresentada, em espanhol, no dia 26 de abril de 2012, em Buenos Aires, por ocasião do VIII Congresso da AMP. Texto consultado em:

http://www.congresamp2014.com/pt/template.php?file=Textos/Presentation-du-theme_Jacques-Alain-Miller.html

Miquel Bassols; Em psicanálise não há saber no real. Texto de orientação para o IX Congresso da AMP. Consultado em:

http://www.congresamp2014.com/pt/template.php?file=Textos/Dans-la-psychanalyse-il-ny-a-pas_Miquel-Bassols.html

TEMA 2: REALIDADE NATURAL, REALIDADE DO FANTASMA: APOIO LÓGICO AO UNICÓRNIO.

Quando Lacan evoca a perspectiva científica e a existência, a sustentação lógica que se pode dar ao unicórnio, faz referência ao trabalho de Serge Leclaire a respeito do “poordjeli”.

Sobre o “poordjeli” e a interpretação significativa cf. J. Lacan, O Seminário, livro XI, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise, capítulo 19 “Da interpretação à transferência”.

Lacan afirma que o trabalho de Leclaire ilustra a passagem da interpretação significativa em direção ao não-sentido significante. Ou seja, a interpretação é uma significação que faz surgir um significante irreduzível.

Além do mais, é no Seminário do ano seguinte, “Posições subjetivas do ser” (mas que, por prudência, Lacan acabou por nomeá-lo como “Problemas cruciais para a psicanálise”, e cujo primeiro título seria “Posições subjetivas da existência”), onde vemos um debate em torno da questão do nome próprio (a partir de uma conferência de Serge Leclaire) e Jacques-Alain Miller, com o seu texto sobre a sutura significante.

Autores citados:

Serge Leclaire (1924-1994) foi um psicanalista francês e um dos primeiros discípulos de Lacan, além de seu analisante. Nos anos sessenta, Leclaire tenta dar conta do fim da análise a partir de uma revelação que viria através de uma fórmula no seu caráter fonético e fora de sentido; ou seja, é uma demonstração de como a cadeia significante determina o sonho e de como a estrutura da linguagem seria inerente ao inconsciente. O caso célebre e que exemplifica isto é o caso do homem do unicórnio com sua fórmula de “poordjeli” e que foi apresentado.

Posteriormente, Leclaire se distancia de Lacan estabelecendo sua própria teoria analítica.

Referências:

Serge Leclaire. « Le rêve à la Licorne », in *Psychanalyser*, Le Seuil, Paris, 1968.

J. Laplanche et S. Leclaire, « L'inconscient : une étude psychanalytique », in *L'inconscient*, VIème Colloque de Bonneval (1960), Paris, Desclée de Brouwer, 1966 ; ou *Bibliothèque des introuvables*, 2007.

Jacques-Alain Miller. « La suture ». *Cahiers pour l'analyse*, 01/1966, 1, pp. 37-49 (retomado a partir de uma intervenção no Seminário de Jacques Lacan, do dia 24 de fevereiro de 1965).

TEMA 3: EXTRAVAGÂNCIAS DO NÚMERO

Lacan faz equivaler a teoria dos conjuntos de Cantor com o “Há-Um” na maneira como ele funda a Menenlehre, a teoria dos conjuntos e as consequências das “extravagâncias do número” na história das matemáticas: desde Platão, o número irracional é algo que escapa ao campo do Um, ao método exaustivo de Arquimedes e ao uso do infinito para definir o transfinito, ou mesmo a série trigonométrica de Fourier, ou o triângulo de Pascal – ao qual Lacan se serve para figurar o que, na teoria dos conjuntos, se denomina como as partes dos conjuntos e a relação do Um com o nada, a falta de onde se cria o furo.

Autores citados:

Arquimedes de Siracusa (287 a.C. – 212 a. C.) foi um grande cientista, físico, matemático (considerado o mais importante da Antiguidade) e engenheiro grego da Antiguidade Clássica. No nível das matemáticas, ele utilizou o método da exaustão para calcular a área sob o arco de uma parábola.

bola com a soma de uma série infinita e deu um enquadramento do número Pi (π) de uma precisão bastante acurada. Embora difícil de realização, o método da exaustão permaneceu, no seu domínio, o único método de demonstração considerado como verdadeiramente rigoroso durante séculos. Mesmo com o surgimento do método dos indivisíveis de Cavalieri no início do século XVIII, não fez com que o método da exaustão se tornasse completamente obsoleto. Ele foi ultrapassado, anos depois, pelo sucesso do cálculo infinitesimal, cuja autoria é atribuída a Leibniz e a Newton.

Referências

Blaise Pascal (1623-1662) foi um matemático, físico, inventor, filósofo, moralista e teólogo francês. Matemático de renome, ele desenvolveu, e. g., um método de resolução do “problema dos partidos” que resultou, durante o século XVIII, no cálculo das probabilidades, influenciando as teorias econômicas modernas e as ciências sociais. Em matemática, o triângulo de Pascal é uma apresentação dos coeficientes binomiais num triângulo. É designado desta maneira em homenagem a Pascal, embora ele tenha sido estudado por diversos outros matemáticos em séculos anteriores, sobretudo por Yang Hui, na China, e Al-Karaji, na Pérsia.

Jean Baptiste Joseph Fourier (1768-1830) foi um matemático e físico francês conhecido pelos seus trabalhos sobre a decomposição das funções periódicas em séries trigonométricas convergentes chamadas “série de Fourier” e sua aplicação ao problema da propagação do calor. Geralmente se atribui a ele a descoberta do efeito estufa.

Em 1870, Cantor desenvolve e prova o teorema da unicidade para as series trigonométricas.

Referências:

Œuvres de Fourier, publiées par les soins de M. Gaston Darboux, vol. 1, Paris, Gauthier-Villard et fils, 1888.

Œuvres de Fourier, publiées par les soins de M. Gaston Darboux, vol. 2, Paris, Gauthier-Villard et fils, 1890.

Œuvres d'Archimède traduites littéralement avec un commentaire par F. Peyrard; éd. Chez François Buisson, 1807, 601p.

O leitor lerá com proveito os artigos de Nathalie Charraud sobre Cantor, Lacan e as matemáticas:

Nathalie Charraud. « Cantor avec Lacan » (I). La Cause freudienne, 05/1998, n°39, pp.117-125.
 _____ . « Cantor et Lacan », II. La Cause freudienne / Nouvelle revue de psychanalyse, 09/1998, n°40, p. 139

_____ . Georg Cantor : superlatif et infini. Actes de l'Ecole de la Cause freudienne, 11/1987, n°13, p. 112.

_____ . Infini et Inconscient : essai sur Georg Cantor. Anthropos, 1994, 288 p.

Lacan et les mathématiques / CHARRAUD Nathalie. Anthropos, 1997, 110 p.

CAPÍTULO XI – HISTÓRIA DE UNS

TEMA I – O DISCURSO DO ANALISTA

Lacan retoma seus avanços sobre a estrutura dos discursos, ressaltando, por sua vez, a posição do significante e a dose de gozo implicados nos efeitos do discurso. Ora, no presente capítulo, o discurso do analista é articulado justamente à existência do Um [Yad'lun]. A operação do discurso do analista repousa, como Lacan evocará neste capítulo, sob a convergência de um significante e a reprodução deste a partir do que foi sua eflorescência. Nesse contexto, após expor a estrutura da teoria dos conjuntos (Cf.: Cantor), Lacan a articula ao discurso do analista pontuando o Um como princípio da repetição, marcado pelo Um da falta, de um conjunto vazio. Tal repetição

está presente justamente no fundamento da incidência no falar do analisando.

Lembremos que, tal como desenvolvido por Lacan em seu Seminário do ano seguinte, o Seminário 20 (Cf. Séminaire Livre XX. Encore, lição de 12 de dezembro de 1971, p.14), o discurso do analista se sustenta a partir do enunciado de que não há relação sexual, da não existência da relação sexual (Cf. Jacques-Alain Miller, L'Un tout seul, aulas 6, 7 e 8).

Referências na obra de Lacan:

Séminaire Livre XX. Encore (1972-1973). Paris : Seuil, 1975.

Jacques-Alain Miler

L'un tout seul. Cours d'Orientation lacanienne. Aulas 6, 7 e 8. Departamento de Psicanálise da Universidade Paris VIII, 2011.

TEMA II – SE NÃO HÁ RELAÇÃO DOS DOIS, CADA QUAL CONTINUA A SER UM

a) O sexo real/dual

Ao se referir à George Berkeley e a seus argumentos idealistas empíricos, Lacan evoca a representação, ou seja, o mundo tal qual o sujeito o representa, como ponto central do esquema berkeliano. (Cf. Séminaire Livre XVI. D'un Autre à l'autre, lição de 30 de abril de 1969). Para tal, a fórmula berkeliana “ser é ser percebido” pode ser aqui articulada com a representação do sexo real/dual pelo fato desta não ter sido justamente enunciada por Berkeley em seu sistema de entendimento.

Neste contexto, Lacan refere-se aos avanços da biologia celular e da microbiologia do Século XVIII no que tange aos estudos dos gametas, justamente aquilo que é da ordem da diferença das células sexuais e erroneamente articulada com a suposta existência da relação do dois, isolando, por conseguinte, o Um da falta. Paralelamente, refere-se a Freud e suas pontuações sobre a força fundadora da vida, o princípio de união (Cf., Freud) questionando, neste sentido, a suposta existência da relação sexual.

Referências na obra de Lacan:

Séminaire Livre XVI. D'un Autre à l'autre (1968-1969). Paris: Seuil, 2006. Lição de 30 de abril de 1969.

Sigmund Freud :

Malaise dans la civilisation (1927). Paris: PUF, 2004.

L'avenir d'une illusion (1929). Paris : Payot, 2010.

Autores citados:

George Berkeley (1685- 1753): irlandês, membro do clero anglicano e filósofo empirista, elaborou sua teoria imaterialista a partir do princípio de que as coisas são conhecidas apenas como ideias, representações. Com sua fórmula, “ser é ser percebido”, Berkeley concebe o mundo como objeto de percepção, sendo este mundo concebido como obra de Deus. Em Principes de la connaissance humaine (1710), o autor desenvolve o que é chamado de filosofia idealista empírica.

b) O Um como reiteração da falta

Lacan, servindo-se da teoria dos conjuntos e de um de seus aspectos, o conjunto vazio, { }, desenvolve aqui o Há-Um [Yad'lun]. Na teoria dos conjuntos, dois conjuntos são iguais se eles contêm os mesmos elementos. Consequentemente, há apenas um conjunto que não contenha nenhum elemento, o conjunto vazio. Logo, um conjunto vazio equivale à diferença radical. Desta forma, como exposto anteriormente, a função do Um aparece aqui articulada com a falta e com a

diferença. “O Um surge como que do efeito da falta” (Cf. Seminário Livro 19, ...ou pior, p.153) ou ainda “O Um, saído do conjunto vazio, seria então a reiteração da falta”. (Cf. Seminário Livro 19... ou pior, p.156). Teríamos, assim, a mesmice da diferença ou ainda a reiteração da falta. Neste contexto, poder-se-ia ressaltar o título do capítulo estabelecido por Jacques-Alain Miller, A história de Uns, articulado com o Um como reiteração da falta, que é o Um da diferença.

Jacques-Alain Miller:

L'un tout seul. Cours d'Orientation lacanienne. Aulas 6, 7 e 8. Departamento de Psicanálise da Universidade Paris VIII, 2011.

Autores citados:

Georg Ferdinand Ludwig Philipp Cantor (1845-1918) foi um matemático alemão conhecido por ser o criador da teoria dos conjuntos. Ele estabeleceu a importância da bijeção entre os conjuntos, definindo os conjuntos infinitos e os conjuntos bem-ordenados. Ele provou, igualmente, que os números reais são mais numerosos que os números inteiros naturais. Com efeito, o teorema de Cantor implica a existência de uma “infinidade de infinitos”. Ele define os números cardinais, os números ordinais e sua respectiva aritmética. O trabalho de Cantor tem um grande interesse filosófico e resultou em diversas interpretações e debates. (Cf., na presente pesquisa, o leitor poderá se referir às leituras propostas no capítulo IX referente a Cantor).

CAPÍTULO XII – O SABER SOBRE A VERDADE

TEMA I – O SABER SOBRE O GOZO

Lacan ressalta a diferença entre o traço unário e o Há Um [Yad'lun]. Enquanto o primeiro estaria, como foi desenvolvido por Freud (C.f. Freud, “Psicologia das Massas...”), do lado da identificação imaginária, o segundo seria da ordem de um outro registro. Ao criticar a noção de massa, noção herdada (C.f. “Psicologia das Massas...”, p. 16) de Gustave Le Bon, Lacan pontua que a repetição justamente não funda o todos, o universal, nem se identifica a nada. Neste contexto, ao articular o Eu à economia do psiquismo (1915), Freud comete um erro ao constituir tal postulado como a guarda do núcleo da verdade. Aqui, poderíamos articular tais críticas com o que foi desenvolvido a partir dessa noção freudiana como sendo a “Psicologia do Eu” em voga nos anos 50, principalmente nos Estados Unidos (C.f. Heinz Hartmann). Ao se referir ao livro daquele que se endereça às massas (C.f. ., Ecclesiaste), do sábio, Lacan pontua justamente o saber do gozo como lugar privilegiado de todas as religiões. Nesse contexto, Lacan faz referência à mutilação de Hermes, ou seja, a sua pluraização, da figura divina ao personagem mítico grego (C.f. Séminaire Livre VIII Le Transfert, Capítulo XI), evocando, desta forma, o saber sobre o gozo, como à margem da civilização, aquilo que Freud chamou de seu mal-estar.

Autores citados:

Heinz Hartmann (1894-1970): psiquiatra e psicanalista nascido em Viena, considerado o fundador da corrente teórica Ego Psychology. Insistiu sobre a função do Eu e sua adaptação à realidade. Sabemos, também, que Ernst Kris et Rudolph Loewenstein contribuíram, significativamente, à edificação da Ego Psychologie. Tais autores foram revisitados por Lacan ao longo de seu ensino.

Gustave Le Bon (1841-1931): médico e cientista social, autor de inúmeras obras sobre desordem comportamental e psicologia das massas, apoiou-se na teoria do biólogo darwinista alemão, Ernst Haeckel (1834-1919).

Ecclesiaste (aquele que se endereça às massas): livro da Bíblia hebraica presente em todos os cânones. O livro se compõe de reflexões gerais indicando o sentido da vida, ou a ausência dele, evocando alguns conselhos. Aqui, a sabedoria equivale à tristeza e o saber, à dor. Diante da constatação da presença da ameaça constante da morte e da injustiça no reino dos homens, o

livro insiste em frisar a importância da vida como o único campo de atividades e de realizações importantes para o homem segundo os preceitos dos Mandamentos.

Jacques Lacan:

Séminaire Livre VIII Le transfert (1960-1961). Paris, Seuil, 2001.

Sigmund Freud :

Psychologie des foules et analyse du moi (1921). Paris : Petite Bibliothèque Payot, 2012.
Métapsychologie (1915). Paris: Ed. Gallimard, 1968.

TEMA II – A TRANSFERÊNCIA

Tema longamente desenvolvido por Lacan ao longo de seu ensino e principalmente em seu Seminário livro 8, podemos dizer que Lacan, ao retomar tal tema, no presente capítulo, isola o saber sobre o gozo insistindo no fato de que a posição de semblante, ocupada pelo analista, seria a única situação sustentável em relação ao gozo. Neste contexto, Lacan declina a questão do semblante, do saber não iniciático, da realidade fantasmática e do amor (Cf. Fenomenologia do amor).

Autores citados:

Sobre o amor, o leitor poderia referir-se aos livros, como já indicara Jacques-Alain Miller:

Amour Fou (1937) do surrealista André Breton. Amour fou é um conto escrito entre 1934 e 1936 e publicado em 1937. O livro relata experiências vividas, descrições de sonhos com rupturas narrativas e gira em torno do encontro de sua futura esposa, Jacqueline Lamba.

L'Astrée (entre 1607 à 1627), romance pastoral de Honoré d'Urfé. Livro constituído de 6 partes, de 40 histórias, de 60 livros e de 5399 páginas. Apesar de ser considerado um livro denso e complexo, poder-se-ia dizer que o fio condutor repousa sobre a história de um amor perfeito entre a heroína Astrée e o personagem Céladon.

TEMA III – A VERDADE

A verdade, tal como elaborada no presente capítulo por Lacan, é a articulação significativa. No que tange à verdade, Lacan retoma, mais uma vez, os avanços dos matemáticos Frege e Cantor (C.f. o leitor pode visitar tais referências no Cap IX da presente pesquisa) e isola a verdade da falta, a verdade como jamais completa e a existência de uma suposta inacessibilidade. Se partirmos do que Lacan articulou entre o Um e o significante (C.f. Miller, L'Un tout seul), poderíamos supor que existiria uma aproximação entre o Um, o saber sobre a verdade e a não existência da relação sexual.

Jacques-Alain Miler:

L'un tout seul. Cours d'Orientation lacanienne. Aulas 6, 7 e 8. Departamento de Psicanálise da Universidade Paris VIII, 2011

CAPITULO XIII – NA BASE DA DIFERENÇA DOS SEXOS

Neste capítulo, Lacan trabalha a diferença lógica entre os sexos baseada na diferença lógica entre diferença e atributo. Trabalhando sua fórmula, “não há relação sexual”, postula a existência lógica da sexualidade. Em seu exercício de pensamento, Lacan busca estabelecer, a partir da lógica matemática, da existência dos conjuntos e das classes, do atributo e da diferença, o que constitui o “Saber do analista”. Este saber, ele o estabelece recorrendo ao paradoxo lógico da

inexistência da relação sexual e ao vazio preenchido pela linguagem.

TEMA I – O DOIS NÃO ESTÁ FUNDIDO EM UM E O UM NÃO É FUNDADO POR DOIS

Para Lacan, o dois/deles [d'eux] não está fundido em Um, nem o Um é fundado por dois/deles [d'eux] e, segundo Lacan, é isto que diz Aristófanes na sua fábula no Banquete. (Cf. p. 173)

A- O mito de Aristófanes.

No Banquete de Platão, encontramos uma série de discursos sobre a natureza e as qualidades do amor. Aristófanes começa seu discurso advertindo que sua forma de discursar será diferente. Faz, de imediato, uma denúncia da insensibilidade dos homens para com o poder miraculoso de Eros e sua conseqüente impiedade para com um deus tão amigo. Para conhecer esse poder, ele diz que é preciso conhecer, antes, a história da natureza humana e, dito isto, passa a narrar o mito da nossa unidade primitiva e sua posterior mutilação. Segundo Aristófanes, havia, inicialmente, três gêneros de seres humanos, que eram duplos de si mesmos: havia o gênero masculino-masculino, o feminino-feminino e o masculino-feminino, o qual era chamado de andrógino. Nas palavras do poeta:

É então de há tanto tempo que o amor de um pelo outro está implantado nos homens, restaurador da nossa antiga natureza, em sua tentativa de fazer um só de dois e de curar a natureza humana. Cada um de nós, portanto uma tésseira complementar de um homem, porque cortado com os linguadões, de um só em dois; e procura cada um o seu próprio complemento.

Assim, aqueles que são derivados do corte do andrógino, sejam homens ou mulheres, procuram o seu contrário. Isto explica o amor heterossexual. E aquelas que foram o corte da mulher, o mesmo ocorrendo com aqueles que são o corte do masculino, procurarão se unir ao seu igual. Aqui, Aristófanes apresenta uma explicação para o amor homossexual feminino e masculino. Quando essas metades se encontram, custam em se separar, e se sentem à vontade para se “fundirem” novamente num só. Esse é o nosso desejo ao encontramos a nossa cara metade.

B- O agalma platônico

Lacan procurou, no Banquete de Platão, o que lhe poderia ajudar a esclarecer o fenômeno da transferência e as condições do amor. Uma dessas condições do amor está assinalada por Alcibiades no Diálogo platônico que encontra, na figura de Sócrates, apesar de pouco afortunado, algo que o faz digno de tanto amor.

Alcibiades usa a palavra agalma, a saber, coisa preciosa, que brilha e atrai e que Sócrates esconde pela qual é merecedor de tão belas palavras de amor.

A esta agalma Lacan o chama de objeto a.

Jacques-Alain Miller lembra que, para Lacan, não há Outro do Outro e, por esse motivo, também não há “transferência da transferência” o que significa que a transferência não é reduzida a zero no fim da análise e a única maneira de fazer algo será a partir do significante da falta no Outro, a partir do matema S (A).

Cf., J.- A. Miller, El banquete de los analistas, p. 177.

Referências:

Jacques Lacan : Le Séminaire livre VIII. Seuil, Paris, 1991. P. 107-109

Jacques-Alain Miler. El banquete de los analistas. Cursos psicoanalíticos. Paidós, Buenos Aires, 2000. Cap. II: “El deseo del analista”, pp. 45-62 e cap. XX: “El saber y la verdad”, pp. 349-364.

Miquel Bassols, Cf., versão em espanhol de “Hacia un significante nuevo”, de J.-A. Miller, in Revista Uno por Uno. No. 32, Buenos Aires: Eólia, 1982.

TEMA II – O UM DA DIFERENÇA

Lacan afirma que existe o Um da diferença e que ele deve ser contado como tal, a saber como Há-Um.

a) O gozo do Um

O gozo do Um não convém à relação sexual, o gozo tido como sexual é fálico, não se relaciona com Outro, tal como formulado por Lacan no Seminário livro 20, Mais ainda.

Cf., (p.177) Seminário 19 ...ou pior: “se Há-um, ou não dois, o que se interpreta como: não existe relação sexual”.

b) Um gozo que não convém ao dois

“O gozo não convém à relação sexual, não é da ordem da relação, não produz laço com o Outro”, e isso deverá ser compreendido de maneira radical, como o assinala Jacques-Alain Miller em sua aula de 7 de fevereiro de 1996, El autismo del goce.

Cf., La fuga del sentido. Paidós, Buenos Aires, 2012, pp. 175-176.

O Há-um “não faz coisa alguma no sentido do sentido” e quem, no discurso analítico, desempenha a função de pequeno a (referência à coisa freudiana, ao das Ding) venha a ocupar a função de semblante.

Cf., (p.175) Seminário livro 19 ...ou pior.

Referências:

Jacques Lacan : Le Séminaire livre VII, L'éthique de la psychanalyse. Seuil, Paris, 1986. Cap. IV e cap. V. Das Ding e Das Ding II, pp. 55 e 71.

Jacques-Alain Miller. La fuga del sentido. Cursos psicoanalíticos. Paidós, Buenos Aires, 2012. Cap. VII, “El autismo del goce”, pp.165-178.

CAPITULO XIV – TEORIA DAS QUATRO FÓRMULAS

TEMA I - O SABER DO PSICANALISTA: COMO E PORQUE HÁ-UM

Neste capítulo, a diferença, o atributo, a função fálica, a linguagem e o gozo se explicitam na teoria dos quatro discursos e vão constituir os fundamentos desse “saber do analista” que é da ordem do matema, do real como impossível, da verdade e do gozo.

A) Teoria dos quatro discursos

Lacan culmina uma época do seu ensino e chega ao que será apresentado em seu último ensino. Com os quatro discursos (do mestre, da histórica, do universitário e do analista) e sua formulação da sexuação, Lacan relança a questão da existência de pelo “ao um que nega a função fálica”:

Há-um que não está submetido à castração – como se pode estudar nas fórmulas da sexuação. Cf. Le Séminaire, livre XX, Encore. Cap. VII, p.73. Seuil, Paris, 1975.

Lacan trabalha o “mito do pai da horda” em Freud, no texto “Totem e Tabu”, junto com a concepção cantoriana (G. Cantor) da teoria dos conjuntos e dos números infinitos.

Nesse capítulo, Lacan vai ao limite de sua reflexão sobre o “Saber do psicanalista”.

Lacan assinala a diferença dos sexos:

- de um lado, existe pelo menos um que diz não à função fálica: o masculino.
- do outro lado, não há linguagem que diga não à essa função: o feminino.

Lacan vai de Aristóteles a Cantor passando por Bertrand Russel, na medida em que, para que haja conjunto, tem de haver exceção.

Cf., pp.186-187, sobre O saber do psicanalista, e não dos psicanalistas, seria mais conforme o tema do Seminário ...ou pior:

“Ou seja, Há-um [Yad'lun]”

B) A relação entre o saber e a verdade:

“Não se trata da verdade sobre o saber, mas do saber sobre a verdade. O saber sobre a verdade articula-se a partir do estímulo do que tenho enunciado este ano sobre o Há-um. Há-um e mais nada”. Para Lacan, trata-se, porém, de um Um muito particular, justamente aquele que separa o um do dois, o que significa que esse Um é o Um totalmente só, e que “(...) a verdade, só pode ser meio dita”.

É em torno desse Um que gira a questão da existência. E a “teoria dos conjuntos” é a interrogação de por que Há- um.Cf., p.192.

Autores citados:

Georg F. L. P. Cantor, (1845-1918) nasce em Saint-Petersburg e passa a maior parte da sua vida na Alemanha. Seus primeiros trabalhos estão voltados para a questão dos números. Seu interesse era o de estabelecer fundamentos sólidos para o continuum dos números reais, mostrando, entre outras coisas, que há conjuntos não enumeráveis. Ao distinguir números algébricos e transcendentais (não algébricos), Cantor encontra a maneira de comparar os tamanhos de “conjuntos finitos”, mostrando que o conjunto de todos os números é maior do que o conjunto dos números algébricos. Encarar totalidades, e não objetos individuais (números, pontos ou funções) é uma das inovações de Cantor. Assim, ele descobre que as totalidades possuem propriedades que não são compartilhadas pelos objetos dessas mesmas totalidades.

TEMA II - O REAL DA MATEMÁTICA E A TEORIA DOS CONJUNTOS

A. O valor dos elementos matemáticos

Deve-se levar em conta o valor dos elementos matemáticos para saber fazer emergir algo que concerne à nossa experiência analítica – isso é assinalado em relação a Dedekind.

Cf., p. 187. Seminário 19 ...ou pior.

No que concerne ao saber sobre a verdade, Lacan não encontra nada melhor que o matema.

B. A verdade como função

Para Lacan, há dois momentos em relação ao Há-um: o momento do Parménides e o momento de Pierce. Este último usa o 0 e o 1 e designa os valores V (verdadeiro) e F falso.

De forma que a verdade é uma simples função e, mais, além de sua função, ela comporta um real que nada tem a ver com a verdade, e sim com a matemática. Cf., p.192.

Autores citados:

J. W. Richard Dedekind, (1831-1916) foi um matemático alemão. Em sua obra O que são e quais são os números. E outros escritos sobre os fundamentos das matemáticas” (editado em 1888), encontra-se a primeira demonstração exata dos números naturais por axiomas. Nela, trata de responder ao velho problema de “fundamentar a matemática”. Grande algebrista, o autor or-

dena e delinea o marco geral da sua concepção da matemática pura: a aritmética; a álgebra e a análise matemática, encontram para ele, um fundamento comum na “Teoria dos conjuntos” e suas aplicações.

Charles Sanders Peirce, (1839-1914) cientista, matemático, historiador, filósofo e lógico norte-americano. É considerado o fundador da moderna Semiótica. Concebia a Lógica dentro do campo do que ele chamou de “Teoria geral dos signos”, ou “Semiótica”.

Fez contribuições importantes no campo da Geodésia, Biologia, Psicologia, Matemática, Filosofia. Chamado por muitos de “O Leonardo das ciências modernas”. Uma das marcas do pensamento “peirceano” é a ampliação da noção de signo e, conseqüentemente, da noção de linguagem. Foi o enunciador da tese anticartesiana de que todo pensamento se dá em signos, na continuidade dos signos, o enunciador do diagrama das ciências, das categorias e, em particular, do “pragmatismo”.

Pesquisa realizada por Luciana Castilho de Souza, Patrick Almeida e Mirta Zbrun